



A produção de leite orgânico na Galícia – Espanha - um possível exemplo para o Rio Grande do Sul

Resumo

Este trabalho contempla a produção de leite orgânico na Galícia – Espanha, pois esta região é importante produtora e possui semelhanças com o Rio Grande do Sul em termos de tamanho de propriedades, predominância do uso de mão-de-obra familiar, entre outros. Acredita-se que o modelo Galego possa servir de estímulo à introdução da produção de leite orgânico no Estado, pois a agropecuária orgânica constitui um mercado inovador e potencial gerador de agregação de renda aos produtores. A problemática gira em torno da opinião dos produtores, intermediários e órgãos reguladores sobre a atividade, suas possibilidades e possíveis barreiras. Para que se pudessem encontrar possíveis respostas foram investigadas cinco diferentes dimensões: visão geral, custos, sanidade e bem-estar animal, aspectos ambientais e comercialização. A pesquisa é classificada como aplicada, qualitativa, tendo se valido de uma etapa bibliográfica com a finalidade de ambientar-se com o tema e formular o roteiro de entrevista com as questões norteadoras. Para a coleta de dados realizaram-se entrevistas em profundidade *in loco*. Ao final da pesquisa é possível concluir-se que a experiência Galega pode ser sim indutora de ações para a produção de leite orgânico no estado do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Custos; Comercialização; Ambiente.

Área Temática: Gestão Ambiental no Meio Rural

The production of organic milk in Galícia - Spain - a possible example for Rio Grande do Sul

Abstract

This work contemplates the production of organic milk in Galicia - Spain, as this region is an important producer and has similarities with Rio Grande do Sul in terms of size of properties, predominance of the use of family labor, among others. It is believed the Galego model can serve as a stimulus for the introduction of organic milk production in the state, since organic farming is an innovative market and a potential generator of income aggregation for producers. The problem revolves around the opinion of producers, intermediaries and regulators about the activity, its possibilities and possible barriers. In order to find possible answers, five different dimensions were investigated: overview, costs, animal health and welfare, environmental aspects and commercialization. The research is classified as applied, qualitative, with the use of a literature review stage with the aim of getting acquainted with the theme and formulating the interview script with the guiding questions. For data collection, in-depth interviews were conducted. At the end of the research, it is possible to conclude the Galega experiment can be rather an inducer of actions for the production of organic milk in the state of Rio Grande do Sul.

Keywords: Costs; Commercialization; Environment.

Theme Area: Environmental Management in the Rural Environment



1 Introdução

Caracterizando-se pelo uso de melhorias genéticas na tentativa de obter-se uma maior produtividade, a produção convencional de leite tem por base a busca por maior lucro econômico. Porém, uma nova proposta tem interessado os consumidores, a qual possui como finalidade a obtenção de um produto com máxima qualidade. Esse novo sistema de produção é denominado produção de leite orgânico, também chamado de ecológica ou biológica, que vem tendo elevadas taxas de crescimento (MENDEZ E PINILLA, 2008).

Para Aroeira et al. (2001), a agricultura orgânica se constitui em um mercado inovador para, inclusive, o agricultor familiar, devido a pequena dependência de insumos externos e ao incremento do valor agregado aos produtos. Possibilita um aumento da renda do produtor, bem como permite atender aos anseios de conservação ambiental. Nesta direção, Pacheco (2013) afirma que a produção de leite orgânico tem contribuído para a manutenção das famílias no meio rural.

A realização deste trabalho se justifica pelas semelhanças existentes entre a região da Galícia – Espanha, e o Rio Grande do Sul, em termos: de dimensões das propriedades; da predominância do uso de mão de obra familiar; ser o leite uma atividade econômica importante; das condições climáticas. Conhecer a realidade dos produtores Galegos pode ser subsídio para a elaboração de políticas de estímulo à produção de leite orgânico no Estado. Esta pesquisa teve como principal questionamento: qual a opinião de diferentes atores sobre a produção de leite orgânico na Galícia? Para permitir a formulação de uma resposta foi-se ao encontro de três diferentes atores: o produtor; um possível intermediário, neste caso uma cooperativa; e uma associação que acompanha a qualidade do leite produzido na Galícia. O principal objetivo é descrever as diferentes visões dos atores sobre a produção de leite orgânico no que diz respeito aos seguintes critérios: a) fatores motivadores da produção; b) principais barreiras encontradas; c) os principais pontos fortes quando comparado com a produção convencional; d) aspectos relacionados aos custos de produção; e) sanidade e bem-estar animal; e f) questões ambientais.

Metodologicamente a pesquisa pode ser classificada quanto aos objetivos como aplicada e quanto ao método de abordagem da problemática como qualitativa. Em relação aos procedimentos técnicos a pesquisa contou com uma fase de revisão bibliográfica, com a finalidade de conhecer as condições de produção de leite orgânico, a legislação europeia e espanhola pertinente, bem como aspectos da demanda, sendo esta etapa fundamental para elaboração do roteiro de entrevistas; a coleta de dados, realizada entre os dias 26 e 30 de novembro de 2016, ocorrida de forma transversal em uma visita a uma propriedade produtora de leite orgânico na cidade de Lugo, onde realizou-se entrevista em profundidade com o proprietário. Entrevistou-se ainda o Diretor da Associação Provincial de Criadores de Gado de Lugo e o Gerente de uma cooperativa de leite sediada na cidade de Melide.

As entrevistas, semiestruturadas, foram gravadas e guiadas por um roteiro que abordou as seguintes dimensões: 1- visão geral da produção contemplando motivadores para a produção do leite ecológico, barreiras, pontos fortes e existência de subsídios governamentais; 2 – custos; 3 - aspectos de sanidade e bem-estar animal; 4 - impacto ambiental da atividade; e 5 – comercialização.

2 A produção de leite orgânico

A produção orgânica pode ser entendida como o sistema de produção que, mediante utilização de técnicas de conservação e melhoria da qualidade do solo favorece o ecossistema. Assim, possibilita a obtenção de alimentos de máxima qualidade nutricional, respeitando o meio ambiente sem a utilização de químicos e viabilizando a sustentabilidade ambiental (COAG, 2006). A produção ecológica se diferencia das outras por ser a única que garante a obtenção do produto sem o uso de químicos e organismos transgênicos, além de possuir uma preocupação



com a proteção do meio ambiente, o bem-estar dos animais e a saúde dos consumidores (ROUCO, 2004). A “pecuária orgânica é um modelo de produção que tem em sua essência a simplicidade e a harmonia com a natureza sem deixar de lado a produtividade e a rentabilidade” (AROEIRA et al.; 2001; p.437), sendo que, segundo Borba Jr et al. (2014), a produção de leite, de acordo com as técnicas agroecológicas, leva em consideração a busca do equilíbrio entre o socioeconômico e o ambiental, bem como tem viabilizado a produção de leite de melhor qualidade. A agricultura orgânica é holística, com um sistema de manejo que promove e estimula a saúde do agrossistema, considerando como variáveis a biodiversidade, os ciclos biológicos e o solo, não deixando de considerar as boas práticas de manejo e o uso preferencial de insumos produzidos internamente na propriedade (SOARES; AROEIRA e ÁVILA, 2014).

O leite para ser caracterizado como orgânico terá de seguir as regulamentações específicas de cada país, considerando-se entre outras condições as questões de manejo; de escolha dos animais; de sanidade, sendo os tratamentos realizados com fitoterápicos e homeopáticos; de alimentação, que deve ser equilibrada e de boa qualidade, priorizando-se ainda que os animais jovens bebam leite natural, preferencialmente de suas mães; o bem-estar dos animais, respeitando-se o comportamento natural de socialização dos mesmos, e por fim, romper-se a visão de que o animal é uma máquina (HONORATO, 2011).

Dois grandes desafios na produção de leite orgânico são a produção do alimento para os animais, sendo necessário, sempre que possível, valer-se de insumos produzidos na própria fazenda, garantindo que sejam originados de processos orgânicos e que permitam um melhor aproveitamento do solo; e a sanidade animal, onde é imprescindível que sejam adotadas técnicas de manejo que mitiguem a necessidade de uso de medicamentos e quando necessário que se faça uso de homeopáticos e fitoterápicos.

Sob o ponto de vista mercadológico, há de ter-se preocupações com a logística de transporte e distribuição, considerando as condições de acondicionamento até que o leite seja colocado à disposição do laticínio, bem como dos distribuidores (atacadistas e varejistas). O incremento na demanda dos produtos orgânicos está relacionado com o comportamento dos consumidores, o que é confirmado por Soares et al. (2011) quando afirma que o leite orgânico é uma demanda da sociedade que procura um produto de qualidade, com preço justo e saudável do ponto de vista da segurança alimentar. Um leite orgânico é aquele que foi produzido sem o uso de insumos químicos, livre de antibióticos, carrapaticidas, vermífugos, hormônios, livre de brucelose, cisticercose, tuberculose, e com os animais sendo criados e manejados com cuidado, em uma condição de bem-estar.

Essa nova prática agrícola deve seguir inúmeras exigências, estando todas presentes no Regulamento da CE - Comunidade Europeia nº 834/2007, relativo ao processo de produção e rotulagem de produtos biológicos que tem sua aplicação definida pelo Regulamento da CE nº 889/2008, válido para toda União Europeia. A partir do regulamento é possível analisar os principais aspectos que caracterizam uma produção ecológica de leite de vaca. Conforme Mendez e Pinilla (2008), são eles: a) há um período de conversão para a propriedade receber certificação de produção ecológica, sendo de dois anos para a terra e seis meses para as vacas; b) no máximo duas vacas por hectare; c) a alimentação das vacas deve se basear basicamente em forragem, sendo que no mínimo 60% da matéria seca da ração diária deve ser constituída por forragem que, necessariamente, deve ser ecológica; d) a prevenção de doenças se baseia na aplicação de boas práticas de manejo e de higiene do rebanho. O uso dos tratamentos veterinários convencionais é limitado; e) os alojamentos devem cumprir condições adequadas de espaço, limpeza e ventilação.

As granjas ecológicas possuem mais terras do que as convencionais e os rendimentos de produção por vaca são inferiores. As propriedades ecológicas têm custos reduzidos com fertilizantes, pesticidas, alimentação comprada e gastos sanitários. Porém, possui maiores despesas com a produção de alimentos na propriedade e com a mão de obra contratada. Para



Butler (2002 apud MENDEZ E PINILLA, 2008) o custo total de produção, por litro, é de 10% a 20% mais alto na produção ecológica do que na convencional. Alguns fatores que explicam essa diferença são os custos de conversão, de certificação, mudança das vacas produtoras, menor rendimento físico por vaca, os custos por não utilizar medicinas convencionais, maiores custos de alimentação e de mão de obra.

Apesar dos maiores custos, a produção ecológica proporciona para a sociedade benefícios como alimentos seguros que foram adquiridos sem prejudicar o meio ambiente. Nesse sentido, o consumidor não se importa em pagar um preço mais elevado, uma vez que esse possui um selo de “exclusividade”. Segundo Mendez e Pinilla (2008), uma análise comparativa mostrou que as margens e os níveis de rentabilidade são superiores nas propriedades ecológicas.

Na Espanha, até 1990, o consumidor não conhecia as atividades ecológicas, porém em outros países da Europa, como a Alemanha, esses produtos são facilmente encontrados em prateleiras dos supermercados. Anteriormente o comércio de produtos ecológicos era reduzido e quase exclusivo para um tipo de consumidor particular, que seriam pessoas com certo grau de formação, cultura e ideologia. Todavia, a comunidade autônoma espanhola da Galícia vem se destacando na produção do leite orgânico por reunir condições especiais para esse tipo de atividade. Isso se deve pelo clima favorável, que proporciona um solo úmido para um bom crescimento das pastagens, somados a uma temperatura adequada. A comunidade também é conhecida pela sua tradicional exportação de recursos agropecuários. Segundo Rouco (2004), poucas exportações na Galícia são dedicadas às vacas de leite ecológico, porém, deve-se analisar esse número dentro do total espanhol, uma vez que as exportações galegas somam 35,90% de todo nível nacional.

A Galícia conta com a Lei 2/2005, que tem como principal objetivo garantir a qualidade dos produtos alimentícios produzidos e abarcar as questões comerciais e de proteção aos direitos e interesses dos produtores, operadores econômicos e profissionais do setor. Conta em sua estrutura com o CRAEGA – Conselho Regulador de Agricultura Ecológica da Galícia, publicado no Diário oficial da Galícia nº 28, de 10 de fevereiro de 2011, cujos objetivos são, entre outros, aplicar o sistema de controle referido no título V do Regulamento (CE) 834/2007 bem como difundir à sociedade em geral o conhecimento e aplicação dos sistemas de produção ecológica e dos produtos ecológicos. De forma a atender seus objetivos, o CRAEGA publicou a Norma Técnica NT-06, que regula a produção agrária ecológica geral para a elaboração e específicas para determinadas indústrias, bem como a NT-04 que regula a produção ecológica, gerais e específicas para a criação de animais, e a NT-01, todas de 18 de junho de 2014, que regra a produção agrária ecológica de caráter geral.

Um estudo feito por Acosta-Urrego (2011) aponta que os produtos orgânicos representam menos de 1% do mercado de espanhol de alimentos. Porém, na Alemanha, Áustria, Dinamarca, Suécia e Suíça esta proporção se encontra entre 2 a 3%. Salienta, ainda, que as investigações mostram que a demanda por produtos orgânicos está aumentando rapidamente, e estimam que até o final do século o mercado de alimentos orgânicos pode chegar entre 5 a 10%.

Se a produção ecológica pretende progredir, é necessário produzir para o grande mercado com um bom preço, competindo diretamente com os produtos convencionais. Para os produtores que querem ingressar na produção ecológica, as ajudas oficiais e o preço pago pelo produto compensam os custos extras, assim fazendo com que os lucros com as unidades ecológicas superem as convencionais. A pouca produção de leite orgânico pode ser vista como uma oportunidade para os produtores que desejam se inserir em novos nichos de mercado, sobretudo atualmente, no qual a demanda por produtos ecológicos aumenta devido ao número crescente de consumidores comprometidos com a saúde e o meio ambiente (ACOSTA-URREGO, 2011).



Apresentadas as considerações iniciais passa-se para a apresentação e discussão dos resultados obtidos a partir das entrevistas.

3 Discussão dos Resultados

Como dito, a entrevista foi orientada por um roteiro que buscou informações sobre cinco diferentes dimensões. Os entrevistados serão identificados por: P, para o produtor rural; D, para o Diretor da Associação Provincial de Criadores de Gado de Lugo; e G, para o Gerente da Cooperativa.

Em termos da dimensão um, pode-se perceber que não há consenso entre os entrevistados enquanto que D afirma: *“o mercado para o leite orgânico vem aumentando, sendo necessário importar leite”* G diz que *“há pouco mercado para o leite ecológico (...), só há duas empresas comercializando”*, P posiciona-se acreditando que *“o mercado vai crescer mais do que a própria produção (...), as pessoas estão se dando conta de que é um produto diferenciado”*.

Segundo G, *“a produção de leite ecológico é pouco representativa, uma fração muito pequena, de propriedades familiares e com distribuição local”*, o que pode ser associado ao pequeno número de produtores que estão associados ao programa de controle leiteiro de Lugo, que são somente seis, embora *“existam outros, porém não associados”* (D). Tomando as afirmações por base e levando-se em consideração o identificado durante a revisão da literatura é possível concordar com o produtor, pois a maior conscientização dos consumidores tem sido um fator favorável ao crescimento do mercado de orgânicos.

Entre os motivadores percebe-se uma combinação entre aspectos endógenos e exógenos à propriedade, pois segundo P *“a principal motivação foi o convite da empresa (...), mesmo que depender de um único cliente fosse algo complicado”*. Já para G o principal fator motivador é *“ter terra disponível para produzir alimentos e permitir a menor concentração de animais por hectare”*, porém para D *“o diferencial de preço é compensador e, portanto, induz a mudança”*.

Entre as barreiras a maior adesão dos produtores à produção de leite ecológico pode-se identificar que duas são as principais: *“estrutura da terra que não é apropriada, pois há muitas pequenas propriedades”* (G) e o *“tempo de dois anos para a conversão da propriedade de convencional em ecológica”* (P; D). Associadas a estas pode-se colocar também o ainda restrito mercado comprador, pois *“somente duas empresas estão comercializando e ter um mercado comprador restrito é perigoso”* (G, D), é preciso considerar ainda que o *“o mercado local não é maduro e apresenta pequeno crescimento”* (G).

A primeira barreira referida assemelha-se ao encontrado no Rio Grande do Sul, onde predominam as pequenas propriedades com estrutura familiar. A pequena área de terra disponível pode ser um fator que inviabiliza economicamente a atividade, pois a taxa de lotação é, por lei, menor do que no convencional, afetando a produtividade. Quanto ao tempo de conversão, também é contemplado em lei e tem de ser observado para que se possa obter a certificação como propriedade de produção ecológica.

No que diz respeito a possíveis incentivos governamentais não foram relatadas ações nesta direção, porém há que se considerar as condições da macroeconomia europeia que vem enfrentando uma crise desde 2008. Voltando a atenção para o estado do Rio Grande do Sul, dada a atual conjuntura, é possível afirmar que a proposição de políticas de incentivo seja difícil de ser aprovada. Como possível ponto forte tem-se a saudabilidade do produto, visto que *“o diferencial de preço é compensador”* (D), embora *“a variação de preço se dá como no convencional”* (P), o que é sempre motivo de preocupação para os produtores que ficam suscetíveis aos humores do mercado.

Na dimensão custos, segundo P, *“o problema está nos custos fixos, maquinário, tecnologia, pois é preciso ter escala para diluir”*. Na visão de G *“o custo de produção é menor,*



porém a produtividade é baixa, embora as vacas vivam mais”. Já para D a questão dos custos “depende de como se faz a estrutura de custos, mesmo com baixa produtividade o custo por litro é menor”. No processo de produção ecológica o gado é criado no pasto, o que reduz os custos com alimentação, porém pode-se ter um incremento na logística de aquisição e transporte dos itens que suplementam a alimentação, pois os fornecedores estão fora da Galícia. De acordo com P “o fornecimento de alimentos suplementares não é o problema. O problema é o preço do alimento (...) se gastar mais de 200 gramas por litro estaria trabalhando sem resultado, tem de buscar o ponto de equilíbrio”.

A dinâmica está posta sobre o custo por litro, pois embora o custo total possa ser realmente menor a produtividade também é afetada, sendo menor do que no sistema convencional. Parece-nos que a análise de P é acertada e deve estar sempre em tela quando da tomada de decisões na propriedade. Acredita-se que no Rio Grande do Sul ter-se-ia condições idênticas, porém é necessário aprofundar os estudos em termos de produtividade, pois a alimentação é fator determinante nesta dimensão, e para uma análise pormenorizada será necessário o auxílio de pesquisadores que possuam esta expertise.

Um dos aspectos importantes é o que diz respeito a sanidade e bem-estar animal, dimensão três, tendo em vista as diretrizes contidas na legislação e que requerem intensa atenção por parte dos produtores. Entre as principais exigências está a de criar os animais o mais próximo de sua condição natural: no pasto e sem o uso de medicamentos. No primeiro aspecto tem-se a necessidade de contar com uma área de terras que permita a alocação dos animais sem exceder a taxa de lotação determinada, o que se constitui em fator dificultador para os produtores quando associado a dimensão custos; para a segunda, as questões de manejo precisam ser otimizadas reduzindo a possibilidade de ocorrência de enfermidades nos animais.

O bem-estar dos animais é ponto que traz convergência de opiniões. Segundo D *“estar ao ar livre não significa estar melhor do que confinada, se não há como proteger-se não está bem”*, o que vai ao encontro da opinião de G, que afirma *“nas propriedades intensivas as vacas estariam melhor, tem um melhor cuidado, tem boas camas, o alimento está à disposição, tem acesso fácil à água, temperatura controlada”*. Importante destacar o que diz G quando afirma que *“o mais importante é o manejo; o bem-estar depende do fazer do produtor, independentemente de estar ao ar livre ou em confinamento”*. Já para P o maior impacto está na sanidade, pois na questão de bem-estar *“não é nem melhor, nem pior”*. Segundo ele o maior impacto *“é no nível sanitário, pois é necessário eliminar antibióticos e outros medicamentos, só sendo possível utilizar quando as vacas estão secas”*. De acordo com G *“dependendo do manejo do produtor o uso racional de medicamentos possibilita melhores resultados, não vejo como a vaca poderia curar-se somente com homeopatia”*. Como possibilidade de meio termo D salienta que *“a legislação não permite o uso de medicamentos de forma preventiva, mas permite para correção, porém em fazendo uso de medicamentos deve-se descartar o leite produzido por um tempo maior para descontaminar, e isso traz um custo alto, pois tem de botar o leite fora”*.

Nos parece que o mais difícil é modificar a forma de trabalhar dos produtores, seja em termos de manejo ou do uso de medicamentos, pois a tradição e cultura é de atuar corretivamente e não preventivamente, condição esta que teria de ser invertida para que se possa realizar a conversão para a produção ecológica.

Durante as entrevistas a dimensão quatro, impacto ambiental da atividade, foi a de mais difícil obtenção de informações. A observação não permitiu constatar a existência de práticas específicas distintas das utilizadas na produção convencional. Há preocupação com a preservação das áreas legalmente exigidas, bem como com o uso da água. No que diz respeito aos resíduos não há um plano específico para a destinação, sendo que o manejo das vacas no pasto facilita a “distribuição” do mesmo. Das falas foi possível identificar-se que há preocupação em atender aos requisitos legais, mas não é possível afirmar que se vá além disto.



Finalizando foi questionada a dimensão cinco: comercialização. As opiniões, mais uma vez são convergentes na direção de que é um mercado que apresenta dificuldades e que ainda precisa amadurecer para que se possa avançar, o que se comprova pelas falas de G “*o mercado é com distribuição local, não há grande distribuição*”, de D “*o mercado é restrito*” e de P “*mas agora há mais uma empresa e as empresas locais que também estão produzindo derivados e compram o leite*”, sendo que o mercado consumidor dos produtos industrializados “*não está na Galícia o que leva a um alto custo de distribuição*” (G). É preciso considerar que a industrialização requer escala e “*tem a necessidade de investimentos grandes e em virtude dos pequenos volumes fica difícil, porém seria necessário diferenciar-se, o que não é fácil*” (G). Avaliando a situação do Rio Grande do Sul acredita-se que as mesmas dificuldades estariam presentes, sendo necessário pensar em alternativas, tais como a produção por meio de cooperativas, para vencer a barreira da escala e da industrialização.

Durante as entrevistas duas outras dimensões surgiram: qualificação da mão-de-obra e gestão das propriedades. A qualificação segundo G “*se dá de pai para filho, as cooperativas fornecem um treinamento de 20 horas, porém a formação é ultrapassada*”, segundo D “*não há uma escola de formação de produtores, há cursos de curta duração que são mal estruturados*”, já P afirma que “*hoje é mais fácil buscar informações em revistas, junto ao conselho regulador sobre as questões legais, visitando outros produtores buscando as melhores práticas, durante os dois anos de conversão dá para aprender muito*”. A baixa qualificação da mão-de-obra não é exclusividade da produção ecológica e requer atenção. No Rio Grande do Sul tem-se o trabalho fundamental das cooperativas, bem como de órgãos como a Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural, o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural e dos sindicatos rurais que ofertam processos de qualificação aos produtores com a finalidade de contribuir para o sucesso dos empreendimentos.

A dimensão da gestão surpreendeu por ser manifestada por P, que “*não sabia o que iria enfrentar, mas que tinha dados para poder auxiliar as decisões, sabia o que poderia ocorrer em virtude das variações de cada uma das variáveis*”. Essa condição não é comum entre os produtores Galegos bem como entre os Gaúchos, como comprovado por Cyrne (2015). É sabido que as propriedades precisam ser geridas como empresas se quiserem manter-se competitivas e não serem excluídas no mercado, para tanto é preciso valer-se de técnicas que permitam “*calcular os custos, tem que ter liquidez, tem de ter uma contabilidade, caso contrário é absurdo... tenho dados desde 1984*”. Essa consciência deve ser levada a todos os produtores, caso contrário continuar-se-á a ver a erradicação das pequenas propriedades.

4 Conclusões

Este trabalho apresentou como principal dúvida buscar qual a opinião de diferentes atores sobre a produção de leite orgânico na Galícia. Conclui-se que, na visão dos atores, a atividade ainda é incipiente, mas que possui espaço para crescer, tendo em vista as mudanças no mercado consumidor, muito embora isso não seja consenso entre os entrevistados. O principal objetivo é descrever as diferentes visões dos atores sobre a produção de leite orgânico no que em diferentes aspectos, o que se acredita ter alcançado com êxito, pois foi possível conhecer e descrever o sentimento dos diferentes atores em relação a cada uma das dimensões propostas, bem como identificar duas outras que não estavam presentes na proposta de investigação. Quanto à possibilidade de transposição da experiência Galega para os produtores do Rio Grande do Sul acredita-se que seja possível, desde que exista a formação de uma rede de cooperação envolvendo os produtores, as cooperativas e o poder público estadual como coordenador da rede, viabilizando a interlocução entre os atores.

Referências



- ACOSTA-URREGO, L. M., "Guía para producción y comercialización de leche ecológica". In: **Ganadería Ecológica**, 2011.
- AROEIRA, L. J. M. et al. Tecnologias para a produção orgânica de leite. In: Madalena, F. E; Matos, L. L; Holanda Jr, E. V. (Org). **Produção de Leite e Sociedade**. Belo Horizonte, 2001, p.435-449.
- BORBA JÚNIOR; J. K. F.; et al. Produção orgânica de leite no Distrito Federal e Região Integrada do Entorno, por agricultores familiares em transição ecológica. In: **Resumos do IV Seminário de Agroecologia do Distrito Federal e Entorno** – Brasília/DF – 07-09 de Out. 2014.
- COAG – Coordinadora de Organizaciones de Agricultores y Ganderos. **De la producción agraria convencional a la ecológica**. Madrid, 2006.
- CRAEGA – CONSELLO REGULADOR DA AGRICULTURA ECOLÓXICA DE GALICIA. **NT-01** – Normas Técnicas de la producción agraria ecológica de carácter general. Galicia, 2014.
- CRAEGA – CONSELLO REGULADOR DA AGRICULTURA ECOLÓXICA DE GALICIA. **NT-04** – Normas Técnicas de la producción agraria ecológica generales y específicas para la cría de animales. Galicia, 2014.
- CRAEGA – CONSELLO REGULADOR DA AGRICULTURA ECOLÓXICA DE GALICIA. **NT-06** – Normas Técnicas de la producción agraria ecológica generales para la elaboración y específicas para determinadas industrias de elaboración y produtos elaborados. Galicia, 2014.
- CYRNE, C. C. DA S. **Indicadores de gestão em propriedades produtoras de leite** – Um modelo a partir do comparativo entre as propriedades do Vale do Taquari – RS e da Galícia – Espanha. Novas Edições Acadêmicas: Saarbrücken, Deutschland, 2015.
- DIÁRIO OFICIAL DA GALÍCIA. **Lei 2/2005** de 18 de febrero, de promoción y defensa de la calidad alimentaria gallega.
- HONORATO, L. A. **Produção de leite na Região Oeste de Santa Catarina em sistema orgânico e convencional na agricultura familiar**. Pelotas, UFPEL, 2011. Tese Dourado.
- JORNAL OFICIAL DA UNIÃO EUROPEIA. **Regulamento (CE) nº 834/2007 do Conselho** – relativo à produção biológica e à rotulagem dos produtos biológicos e que revoga o Regulamento (CEE) nº 2092/91.
- JORNAL OFICIAL DA UNIÃO EUROPEIA. **Regulamento (CE) nº 889/2008 do Conselho** – por el que se establecen disposiciones de aplicación del Reglamento nº 834/2007 del Consejo sobre producción y etiquetado de los productos ecológicos, con respecto a la producción ecológica, su etiquetado y su control.
- MENDEZ, J. A. P.; PINILLA, A. A.; Análisis Económico de la Producción de Leche Ecológica. **Revista ICE**, Espanha, n. 843, 2008.
- PACHECO, D. I. **Caracterização de unidade de produção de leite em sistema orgânico ou em transição: produção e qualidade do leite**. Florianópolis: UFSC, 2013. Dissertação.
- ROUCO, R. G.; Ganadería Ecológica. **Guía de Actividad Empresarial**, Santiago de Compostela, 2004.
- SOARES, J. P. G.; AROEIRA, L. J. M.; ÁVILA, V. S. DE. Agroecologia e Produção Orgânica de leite: transição agroecológica-marco referencial. In: **Anais do curso de produção de leite orgânico**. Concórdia: Embrapa Suínos e Aves, 2014.